

Um relato de experiência no canal Bachelard Brasil - Youtube

André Jorge Campello Rodrigues Pereira¹

Respondo às perguntas feitas por Gabriel Kafure: “Como você chegou a conhecer a obra de Bachelard?”. “Porque estudar Bachelard hoje?”. - Devo dizer que eu trabalhava com psicoterapia e sentia uma insatisfação com as principais teorias apresentadas, e também porque ainda durante o curso de medicina eu fiz um curso de extensão sobre Bachelard, centrado na epistemologia dele, e foi um curso bastante detalhado, gostei muito. Fiquei impressionado com os conceitos dele, porque, além de estudar filosofia desde a adolescência, a minha formação foi muito científica, pois fiz o primeiro grau (“ginásio”) e o segundo grau em uma escola técnica, a escola de ciências estatísticas (ENCE), estudei oito anos nessa escola, que nos dava ótima base de matemática e estatística, e que tinha também os estudos de física, química, biologia, geografia e história econômicas. Além disso, por minha própria conta, eu lia muito filosofia e história geral. E fiquei muito surpreso de encontrar um filósofo que sabia justamente colocar a filosofia à altura das ciências contemporâneas, diferente da maioria dos filósofos que se referem às ciências de épocas passadas. Bachelard estava atualizado com as ciências do século XX, principalmente com as impropriamente chamadas ciências exatas e ciências da natureza, mas também atualizado com a filosofia da história e as ciências psicológicas. Fiquei surpreso e guardei aquele nome, e mais tarde quando concluí o curso médico, fui procurar formação em psiquiatria e psicoterapia. Fui admitido no curso de psiquiatria do IPUB-UFRJ, esperando ali encontrar orientação para psicoterapia, mas naquela época isso era inconcebível, no IPUB prevalecia o pensamento de que psiquiatria nada tem a ver com psicoterapia. A formação em psicoterapia, eu tive que buscar fora da instituição. Naquela época, nos anos 70 do século passado, a formação predominante era de orientação freudiana, e eu descobri, com dificuldade, que não concordava com aquelas teorias, que beiravam o irracionalismo, e o mecanicismo, e além disso os colegas e professores e supervisores manifestavam um grande desprezo por teoria, não tinham nenhum cuidado ou

¹ Graduado em Medicina pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e Doutor em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, e-mail: andrejorgecampello@gmail.com.

exatidão conceitual, todos os conceitos eram ‘mais ou menos’, e sem critérios tentavam conciliar teorias e conceitos inconciliáveis. Para resumir a história, encontrei um professor de psiquiatria e de psicoterapia que me apresentou ao método de Desoille, e para aprofundar a compreensão dos fundamentos do método, para minha surpresa, me emprestou o livro de um filósofo que estudava a imaginação: “O Ar e os Sonhos”, de Gaston Bachelard, em uma edição em francês, e um outro livro, de Desoille descrevendo seu método. Desoille tinha também uma formação científica e desenvolveu um método psicoterápico original, que se apoiava muito nas teses de Bachelard sobre a imaginação. Então com todas essas surpresas procurei fazer a minha formação como todas devem ser: fiz minha terapia, comecei a trabalhar sob supervisão, e depois de alguns anos, de algum modo eu já me sentia competente. Isso iniciou em 73, então já tenho bastante tempo de experiência com esse método, mas não exclusivamente porque ele não é indicado para todos os tipos de problemas. Trabalho também com outros métodos, mas esse é o principal desde aquela época. Fiz mestrado em filosofia de 1976 a 1980, na PUC-RJ, e publiquei a minha tese pela editora Achiamé, em 1983. Eu não tinha nenhuma pretensão de vida acadêmica, de trabalhar na universidade, eu apenas queria melhorar o exercício da profissão e a minha qualidade intelectual. Continuei a vida profissional como antes, e muitos anos depois resolvi continuar e fazer o aprofundamento da teoria do método de Desoille e de Bachelard a um nível de doutorado, que é um nível de exigência bem mais alto, e é disso que eu gosto, gosto de um nível de exigência alto, porque é um desafio que me obriga a subir mais alto, eu gosto de ‘voar’ alto, e isso tem a ver com Bachelard, com o sonho de voo de *O Ar e os Sonhos*. O doutorado é um grande desafio intelectual, e eu não tenho dúvida que me colocou ‘lá em cima’. Grande parte do mérito se deve à orientadora, prof^a. Marly Bulcão, grande conhecedora de Bachelard, competente na arte de orientar alunos a escrever.

Acho que agora eu deveria falar sobre a minha tese. Vou apresentar o resumo que está na própria tese, que são poucas linhas. Nessas poucas linhas o autor da tese deve apresentar o assunto da maneira mais sintética possível. O título da tese é: “Gaston Bachelard e Robert Desoille: terapia e teoria da imaginação”. A finalidade da tese é relacionar um conceito de terapia e um conceito de imaginação. Vou ler o resumo: o presente trabalho tem por objetivo mostrar que existe uma teoria da imaginação na obra de Gaston Bachelard, e que essa teoria da imaginação serve de fundamento à terapia de Robert Desoille. Essa teoria da imaginação se

desenvolve ligada a um conceito específico de fenomenologia e também de hermenêutica, e esses conceitos são explicitados na obra de Bachelard. Ao longo da minha tese vou explicar que de um lado a teoria da imaginação de Bachelard recebe a contribuição das suas pesquisas em filosofia das ciências, naquilo que se refere às novas exigências colocadas à razão pelas ciências do século XX. Bachelard era uma pessoa capacitada para mostrar a complementaridade entre razão e imaginação, não se trata de simplesmente deixar-se levar ou extasiar pela imaginação. Ele desenvolveu um conceito próprio de fenomenologia para tratar da imaginação. Por outro lado, ele retira a imaginação do limitado papel de auxiliar do conhecimento. A imaginação anteriormente era considerada como auxiliar da ciência, como uma etapa anterior ao conceito, e a imagem seria algo como um conceito impreciso ou confuso. Ou então era considerada como um resíduo da percepção, uma reatualização daquilo que havia sido adquirido através da percepção. Para Bachelard, a imaginação não é um conceito confuso, não é uma irracionalidade, e não é um resíduo da percepção. Ela tem existência própria e foi a autonomia de conceitos que Bachelard destacou na imaginação.

Desoille e Bachelard foram contemporâneos, ambos nasceram nos últimos anos do século XIX, ambos viveram até os anos 60 do século XX, ambos tinham uma formação em matemática (Bachelard era matemático e Desoille era engenheiro), e ambos lutaram na 1ª guerra mundial. Ambos apreciavam o diálogo amigável e eram refratários a toda tentativa de manipulação.

Uma terapia baseada na imaginação necessita de apoiar-se em um bom diálogo, que seja uma relação de sujeito a sujeito, de pessoa a pessoa, de consciência a consciência, e não uma relação sujeito-objeto, uma relação científica. Para o método de Desoille não é indispensável a revelação de segredos e confidências.

Então esse é o espírito da tese. Na conclusão da tese vou mostrar que a imaginação é um modo da experiência humana, e como modo de experiência ela pode abrir novas possibilidades, novas formas de ser, e propiciar uma transmutação de valores. Na conclusão da tese o termo terapia é considerado em suas origens, *terapia* é uma palavra de origem grega. Procuro fazer com que ela seja retirada dos estreitos limites da significação técnica atual, recuso a significação técnica usual entre médicos e psicólogos. Procuro recolocar essa palavra no contexto que tinha em épocas anteriores, que indicava exercício e ação sobre si mesmo. A origem da palavra é

“auxiliar”, “ajudante”, então o terapeuta é um auxiliar, ele ajuda o outro a encontrar a si mesmo. O terapeuta não é um cientista, aquele que busca a explicação científica, aquele que tem a teoria verdadeira, que é o detentor do saber, ou ainda, dentro de uma visão cientificista, e mesmo que o cliente participe também como sujeito do conhecimento, do conhecimento do objeto científico, a relação passa a ser de sujeito a objeto. A relação científica não é adequada para uma terapia, e essa é uma das críticas ao freudismo. Eu falei em transmutação de valores, e Nietzsche é uma referência importante para Bachelard, pois para ambos, a filosofia não é um sistema de proposições ou de conceitos, ela é uma coisa vivida. Bachelard não teve uma formação como a maioria dos filósofos, que entram em uma faculdade de filosofia e depois de diplomados seguem a carreira acadêmica profissional. Ele era matemático, foi trabalhar nos Correios, depois foi convocado para a guerra, tornou-se engenheiro de comunicações, e após a guerra, foi ser professor de química e física, e foi ali que ele encontrou, nos problemas da pedagogia de física e química, um campo de problemas filosóficos. Nesse campo, no ensino de ciências, ele se tornou filósofo. Para ele, a filosofia chegou através das necessidades do trabalho, a filosofia para ele não foi um sistema de conceitos, não foi uma construção teórica, ela foi uma coisa vivida. A palavra ‘terapia’ pode ser pensada como um dos modos da filosofia, e por isso podemos dizer que Bachelard tem a ver com terapia. Em seu livro *O Ar e os Sonhos*, onde ele fala do sonho de voo, há um capítulo dedicado ao método terapêutico de Robert Desoille. Esse talvez seja o livro em que Bachelard mais fala sobre diferentes modos da filosofia como terapia ou como cuidado de si. Além do capítulo dedicado ao *sonho desperto* de Desoille, tem o capítulo dedicado a um estudo da filosofia de Nietzsche, que é um poeta-filósofo, em que Bachelard expõe a filosofia de Nietzsche não através de suas obras discursivas, como por exemplo “*Além do bem e do mal*” ou “*Humano, demasiado humano*”, mas através de seus poemas, incluindo o poema filosófico *Assim falou Zaratustra*. Além de ser uma forma original de apresentar a obra de um filósofo, Bachelard tem todas aquelas outras razões para privilegiar a poesia, que expus anteriormente. Nietzsche não é poeta apenas por ‘estetismo’, para ele a poesia filosófica é algo vivido. Aproveito uma pergunta que está aparecendo agora aqui, na tela, feita por um participante deste encontro, para dizer que a ideia de uma “retomada de si” é uma boa forma de dizer o que representam os poemas de Nietzsche, na interpretação de Bachelard.

Uma “retomada de si” é o que representa também uma terapia. A palavra *terapia* não

precisa ter conotações puramente técnicas, isto é, que suponha que o técnico faz a terapia no seu cliente, em que o técnico seria o sujeito agente, e o cliente o objeto. Não é isso. Também não é uma relação científica, em que o cientista (médico ou psicólogo) seria aquele que faz a terapia no objeto, porque sabe ou porque conheceria o seu objeto. Não, ela é sempre um cuidado de si, e o terapeuta é um auxiliar que também se cuida, e que sabe ajudar o outro a cuidar de si. Esse é o espírito da minha tese. Agora, para fundamentar isso, a tese é grande, tive de acrescentar um milhão de coisas para desligar o conceito de terapia do contexto técnico, e para ampliar a ideia de filosofia como, pegando ‘carona’ em Foucault, como cuidado de si. É claro que Bachelard e Desoille não usavam esse termo, cuidado de si, é que a expressão de Foucault é tão feliz que me sinto levado a usá-la. Foucault aproveitou muito da obra de Bachelard, que foi importante para toda a filosofia francesa, por isso me sinto à vontade para citá-lo, não estou inserindo algo estranho a Bachelard. E a importância de Nietzsche é notável em ambos. Estou tentando resumir o tema, às vezes com uma linguagem grandiosa, para falar de uma ideia de terapia. É claro que na maioria das vezes o terapeuta não vai trabalhar com coisas grandiosas. É como a maioria dos médicos: estudamos assuntos enormes, doenças raras, difíceis, e quando chega no dia a dia do consultório ou do ambulatório do serviço público, vamos lidar com gripe, resfriado, coisas simples, coisas miúdas. Mas isso faz parte da medicina, você tem de conhecer o grande para tratar o pequeno, o difícil para cuidar do fácil.

Alguém fez uma pergunta: “A terapia é indicada e contra-indicada para quais problemas? Quais os problemas que o Desoille indica para sua terapia?”

De modo geral, é uma terapia que ajuda a pessoa a encontrar-se com seu próprio imaginário. Então mobiliza muito a pessoa, porque não é fácil encontrar seu próprio imaginário, para dar exemplos, seus pesadelos, desejos que você não gostaria de ter, mas tem, ou pelo menos naquele momento você tem, então para uma pessoa saudável, que queira ter esse modo de experiência, é uma terapia muito útil, indicada para qualquer pessoa. Pessoas que tenham depressão grave, ou, falando agora com linguagem técnica, pessoas que tenham traços de personalidade paranoide, aí essa terapia não é indicada. Porque mobiliza muito a pessoa, e um ponto importante da terapia é ajudar a pessoa a descobrir a diferença e o limite entre o que é imaginável e o que é realizável. E uma pessoa paranoide já não tem essa capacidade de distinguir, pode ter um agravamento de seus problemas. Quem tem depressão grave não tem capacidade

de, por meios próprios, levantar-se. Ela entra nas suas imaginações depressivas e não consegue sair. Uma coisa comum nos depressivos é dormir muitas horas seguidas, ou dias. Não é que ele esteja gostando de dormir, está ali na maior angústia, e com pesadelos, mas não consegue sair, levantar-se. Não é indicado, exceto quando alcança um longo período de estabilidade.

Outra pergunta: “Bachelard não tinha preocupação terapêutica, mas se o voo imagético leva à felicidade, pode dizer que é uma espécie de terapia?”

Sim, é uma espécie de terapia. Por exemplo, no final livro de Bachelard “O ar e os sonhos”, tem um capítulo “A declamação em silêncio”, não sei exatamente o título, é sobre a poesia lida em silêncio. Bachelard sugeria que a poesia deveria ser lida em silêncio, bem devagar. E ler várias vezes cada um dos versos, sonhar cada um dos versos. Então, quem é o terapeuta, nesse caso? É o poeta. O leitor, com a ajuda do poeta, incorpora aquela poesia, passa a considerar aquela poesia como sendo dele, o poeta autoriza o leitor, todo poeta autoriza o leitor a se apropriar do poema. Sonhar cada um daqueles versos, fazer o sonho poético, essa é uma terapia, em que de algum modo, cada um descobre a si mesmo, e tem a possibilidade de ser uma pessoa nova. Os poetas têm o poder de mexer naquilo que é mais forte em nós, que é a palavra, a linguagem, as imagens, e o poeta reúne isso tudo em poucas linhas, um soneto tem 14 linhas, então ele nos transforma, nas palavras, na linguagem, nas imagens, em 14 linhas. É um poder muito grande. Leia os poemas de Fernando Pessoa, Florbela Espanca, Ferreira Gullar, Augusto dos Anjos, Camões. Ao terminar, você já é outro. Um deles vai se tornar especial para você, você vai dizer que é como se tivesse sido escrito por você mesmo, você vai se apropriar daquilo, será seu. Ouço muita gente dizer que isso ocorre quando ouve Djavan, que é um poeta muito sintético, e dizem assim: “Eu ouço Djavan e entro em alfa”. É a linguagem das pessoas, entram em alfa, em êxtase, ou não sei que outro termo. O poeta tem essa capacidade, de dizer o que está em nossa cabeça, ele “só” coloca em palavras. Em um documentário sobre Manoel de Barros, em que ele foi entrevistado longamente, depois de percorrer sua casa, seus livros, a documentarista pergunta sobre filosofia. O poeta responde sem hesitar, de modo direto, que ele só lê um filósofo: Gaston Bachelard.

A proposta então é compreender os *sonhos despertos* de Desoille como se fossem trechos de poemas.

Agradeço a oportunidade de falar para um público mais amplo, e alcançá-lo de um modo mais rápido do que o livro, que estamos escrevendo, sobre a poética de Bachelard.